



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA - 2019

VIOLÊNCIA ESCOLAR EM FEIRA DE SANTANA: UMA ANÁLISE SOBRE *BULLYING* E PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Suílian Sampaio de Jesus¹; Solange Lucas Ribeiro²

1. Bolsista PROBIC/CNPq, Graduanda em Licenciatura em Geografia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: ssj.uefs@gmail.com
2. Orientadora, Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: solucasr@hotmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Violência escolar; Bullying; Pessoas com deficiência.

INTRODUÇÃO

Esse texto é fruto da pesquisa realizada no Programa de Iniciação Científica-IC, desenvolvido juntamente com o Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Especial-GEPEE, que está vinculado ao Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS, com o objetivo de analisar a violência escolar manifestada através do *Bullying* contra os estudantes com deficiência nas classes regulares de Feira de Santana. É oportuno esclarecer que o *Bullying* é entendido como uma ação de intimidação, provocação ou agressão, seja ela física ou verbal, que é acometida a um indivíduo, seja por um coletivo ou individual, de forma repetitiva. Por isso, não pode ser confundida com uma brincadeira. (CROCHIK, 2015) Em tempos de inclusão escolar, essa temática ganha relevância.

É válido ressaltar que o *Bullying* escolar pode gerar diversas consequências psíquicas naquele que sofre, desde uma angústia acentuada até o assassinato e o suicídio (PINHEIRO & WILLIAMS, 2009), dentre outras.

Diante do contingente de excluídos do processo educacional, decorrentes das diversas formas de violência, estudos demonstram que a legislação tem se voltado para a inclusão de pessoas, alijadas dos bancos escolares, visando o acesso a escola, como também a igualdade de oportunidade. Em geral, os espaços escolares ainda são palcos de discriminação e preconceitos contra alguns alvos, como por exemplo: alunos com deficiência e outros que não correspondem aos padrões idealizados, ou seja, os magros, os gordos, dentre outros.

No sentido de conhecer como os alunos, em situação de inclusão no município de Feira de Santana, vivenciam a violência no processo de inclusão, buscamos responder a seguinte questão de pesquisa: como os alunos com deficiência vivenciam e enfrentam as situações de violência (*Bullying*) nas classes inclusivas? Para nortear a pesquisa traçamos como objetivo geral, analisar a violência escolar manifestada através do bullying contra os alunos com deficiência nas classes regulares; e como objetivos específicos identificar os tipos de violência escolar presentes no cotidiano dos alunos

com deficiência; analisar o perfil dos autores da violência escolar; identificar se as vítimas do *Bullying* reagem à violência. Para tanto, elegeu-se a pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso, descrita a seguir.

METODOLOGIA

A pesquisa foi qualitativa, do tipo estudo de caso, tendo como lócus duas escolas públicas de Feira de Santana, que tinham alunos com deficiências matriculados. Para adensar o arcabouço teórico sobre as formas de manifestação da violência escolar, *Bullying*, foi feito um levantamento bibliográfico sobre a temática. Em seguida, para a aquisição dos dados, fez-se a aplicação de questionários a 56 alunos, do nono ano do ensino fundamental, com uma faixa etária entre 14-18 anos, alguns deles não estão na faixa etária convencional para as séries que frequentam. Ao fim, fez-se uma sistematização, análise e interpretação dos dados, expostos no tópico seguinte.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A investigação teve como objetivo geral analisar a violência escolar, *Bullying*, enfrentado pelos alunos com deficiência, na rede pública do município de Feira de Santana. Assim, a nossa preocupação volta-se para a questão da violência presente na escola, que de acordo com Pinheiro e William (2009), as diversas formas de violência no ambiente escolar não são oriundas da escola, mas da sociedade, no entanto podem dificultar o processo de inclusão de minorias alvo dessa violência.

O comportamento dos estudantes referente ao exercício da violência escolar vem se tornando frequente e já é comum ser notícias nos telejornais do país. A violência escolar é constituída por “todos os comportamentos agressivos e antissociais que ocorrem no ambiente escolar, o que inclui danos ao patrimônio, atos criminosos, conflitos interpessoais etc.” (PINHEIRO; WILLIAMS, 2009, p. 996).

Desse modo, é necessário investigar o cotidiano escolar, bem como os fatores que podem gerar a violência em relação aos alunos com deficiência, porque a realidade das escolas se diferencia, por isso é preciso conhecê-las. No caso dessa pesquisa, a escola A possui uma quantidade maior de estudantes com deficiências (física e visual), aproximadamente 40% a mais quando comparada com a escola B.

Os dados coletados indicam que entre os estudantes pesquisados que responderam ao questionário, cerca de 45% já sofreram algum tipo de preconceito, como por exemplo: os considerados magros/gordos (53%) afirmam ser vítimas da prática de *Bullying*, seguido por negros (12%), homossexuais (10%) e pessoas com deficiência (20%).

Essa pesquisa focalizou a prática da violência que vitimiza as minorias discriminadas, principalmente, os alunos com deficiência que sofrem violência, considerada, muitas vezes, como brincadeiras normais de adolescente, por isso não são levadas em conta, mas que causam sofrimento a suas vítimas, conforme demonstram as falas desses alunos, pois a discriminação e a ofensa constantes constituem-se em *Bullying*, a exemplo dos depoimentos que seguem:

Eu não gosto, quando eles dizem esse cara é louco, e ficam dando risada. Eu não gosto Pró, eu não gosto, não gosto, eu não sou louco! (A1, aluno autista)

Eu revido Pró [...] não vou deixar os caras “zoar” comigo, me xingar, xingar minha mãe, eu xingo também a deles! É assim. (A2, aluno com deficiência física).

Eu não gosto quando eles ficam me chamando só de ceguinho, eu tenho um nome (A3, aluno com deficiência visual).

Conforme os relatos os apelidos, os xingamentos apesar de causarem sofrimento são considerados, na escola, como simples brincadeiras.

Quanto ao perfil dos provocadores de *Bullying*, a grande maioria dos estudantes (80%) declarou que os agressores são mais velhos em comparação com a idade das vítimas. Por conta disso, é mais difícil de reagir. São os estudantes que geralmente estão fora da faixa etária convencional, para as séries que frequentam, entre 14-18 anos. Em geral, possuem fraco desempenho escolar, mas se destacam nas áreas que demandam aptidão física, exigem habilidades com o corpo, força e resistência, a exemplo da disciplina de Educação Física, pela prática do esporte, comum nessa disciplina.

Na questão relativa às medidas que tomavam para se proteger do *Bullying*, o resultado dos questionários aplicados, mostrou que 50% procuram a ajuda de um adulto; 36% não fazem nada e 5% tentam fugir da situação. Em visto disso, esse assunto tem assumido bastante relevância, na contemporaneidade, pelas possíveis consequências que podem trazer.

Nas escolas pesquisadas, a direção afirma que vem se empenhando para promover espaços de diálogos, trocas de experiência e oficinas a fim de informar e sensibilizar os atores envolvidos na prática do *Bullying*. Além disso, os gestores dizem que chamam a atenção para o que diz a Constituição Federal Brasileira (1988), sobre a igualdade de todos perante a lei, etc., ao mesmo tempo em que enfatizam as possíveis consequências dessas práticas discriminadoras, tanto para quem pratica quanto para quem sofre, podendo culminar em determinadas situações como homicídios, mutilações, depressão, e a punição para os agressores.

Muitas vezes as vítimas do *Bullying* enfrentam variadas formas de preconceitos. É importante ressaltar que todo tipo de ação discriminatória e intimidadora é prejudicial, ou seja, influencia no desempenho escolar, comprometendo a autoestima do estudante vitimado por essas práticas abusivas. Segundo os estudos de Atunes e Zuin (2008), o *Bullying* pode ser de três tipos: direto e físico (agressões físicas, roubo, destruição de objetos de colegas, exploração sexual); direta e verbal (insultos, apelidos, ‘sarros’, comentários discriminatórios e ofensivos) e indireto (fofocas, boatos e ameaças).

Quanto ao tipo de violência encontrado, os dados possibilitaram identificar que as agressões verbais lideram a prática do *Bullying*, com 49%; em seguida os gritos (32%); e as agressões físicas (16%), tais dados compõem a estatística das escolas A e B.

Foi solicitado também que os estudantes apontassem quais são as ações da escola para o enfrentamento da violência escolar e o resultado em ambas as escolas foi o seguinte: 46% oficinas, 30% palestras, 18% reuniões e conversas com os pais. Embora as ações mitigadoras implementadas com objetivo de sensibilizar os agentes envolvidos sejam executadas, verificou-se que a ocorrência ainda é muito elevada. Uma característica que chama a atenção é a predominância dos autores dessa prática, pois 90% são meninos e só 5% meninas. Dado esse que revela a disparidade em relação ao sexo masculino.

Então, diante das políticas voltadas à educação inclusiva, que buscam viabilizar o acesso, a participação e o desenvolvimento de todos os alunos, é necessária uma preparação do espaço escolar para possibilitar que cada estudante, tenha assegurado não

só o acesso igualitário, mas o respeito a suas diferenças, com o objetivo de incluir a todos, independentemente de sua condição física, social e/ou financeira.

Assim, constata-se a significativa relevância social e acadêmica dessa pesquisa, por poder respaldar a elaboração de futuros trabalhos; material para estudo e consulta e, por fim, contribuir como instrumento para analisar a inclusão e a prática de *Bullying* entre os alunos, fomentando discussões tão pertinentes e atuais na realidade de nossas escolas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação brasileira está em um processo de avanço a fim de alcançar os parâmetros que são exemplos a nível mundial. Entretanto, sabemos que temos uma caminhada árdua para superar tantos desafios e conflitos. Vimos que nessa pesquisa, a prática do *Bullying* é uma realidade manifestada no espaço escolar contra os vários estudantes, cujas características não correspondem aos padrões idealizados, a exemplo das pessoas com deficiência, dentre outros.

No que se refere à inclusão escolar de pessoas com deficiência, ou seja, a educação inclusiva, o processo se desenvolve a passos lentos e a situação dos alunos com deficiência ainda é preocupante, tendo em vista o despreparo do ambiente escolar. Quanto à prática do *Bullying*, o medo ainda prevalece entre suas vítimas.

Diante dessa realidade, propõe-se que as escolas façam ações mais efetivas para sensibilizar os agressores e a sociedade em geral, a respeito dessa questão, pois embora haja ações nesse sentido, elas ainda são esporádicas, talvez por isso, os resultados não sejam tão visíveis. Também são urgentes as mudanças de hábitos, no sentido de que as escolas encarem tal problema, deixando de mascarar e justificar esse tipo de violência, colocando-a com coisas de normais de adolescentes.

Outra ação que deve ser fortalecida é a relação da escola com a família, pois quando existem episódios de agressividade no espaço escolar, um dos caminhos para resolução desse conflito é estreitar essa parceria, para assim estabelecer uma relação de confiança e cooperação, que pode contribuir não só para resolver o problema como para a formação dos estudantes.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T.W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ATUNES, D.C. & ZUIN, A. A.S. (2008). Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. *Psicologia&Sociedade*,20(1),33-41

CROCHÍK, J.L. **Formas de Violência Escolar Preconceito e Bullying**. Movimento Revista de Educação. Ano 2, número 3, 2015. Disponível em: <<http://www.revistamovimento.uff.br/index.php/revistamovimento/article/view/270/218>. Acesso: Março de 2018.

PINHEIRO, F.M. F; WILLIAMS, L.C. A. **Violência intrafamiliar e intimidação entre colegas no ensino fundamental**. Cadernos de Pesquisa, v. 39, n. 138, set./dez. 2009.